



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-ESPANHOL

LÍGIA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

**UM DIÁLOGO ENTRE MIGUEL DE UNAMUNO, PAULO FREIRE E
AUGUSTO BOAL: A EDUCAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA**

MONTEIRO-PB

2016

LÍGIA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

**UM DIÁLOGO ENTRE MIGUEL DE UNAMUNO, PAULO FREIRE E
AUGUSTO BOAL: A EDUCAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB)

MONTEIRO-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658d Araújo, Lígia da Conceição.

Um diálogo entre Miguel de Unamuno, Paulo Freire e Augusto Boal [manuscrito] : a educação em uma perspectiva artística / Lígia da Conceição Araújo. - 2016.

42 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS ESPANHOL) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Departamento de Letras".

1. Ética na educação. 2. Paulo Freire. 3. Miguel de Unamuno. 4. Augusto Boal. 5. Música no processo ensino-aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 372.87

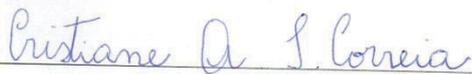
LÍGIA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

**UM DIÁLOGO ENTRE MIGUEL DE UNAMUNO, PAULO FREIRE E
AUGUSTO BOAL: A EDUCAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras-Espanhol da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Letras, habilitação em Língua
Espanhola.

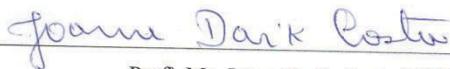
Aprovado em 25/10/2016

Banca Examinadora



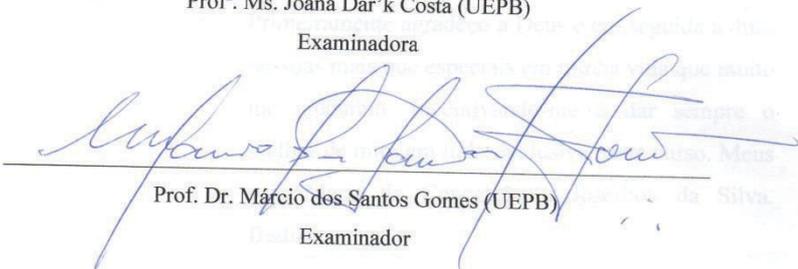
Prof.^a Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB)

Orientadora



Prof.^a Ms. Joana Dar'k Costa (UEPB)

Examinadora


Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes (UEPB)

Examinador

Primeiramente agradeço a Deus e em seguida a duas pessoas mais que especiais em minha vida que muito me ajudaram. Incentivando-me a dar sempre o melhor de mim em tudo, inclusive neste curso. Meus pais Maria da Conceição e Joseilton da Silva.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pela dádiva da vida. Tudo o que me tornei só foi possível graças a ele, sem sua presença em minha vida certamente tudo teria sido muito mais difícil. Ao meu senhor serei eternamente grata por simplesmente tudo, por todas as vezes que ele me ergueu, por todas as conquistas a mim concebidas e principalmente por esse sonho que se realiza: minha formação acadêmica. Obrigado!

De modo especial e carinhoso agradeço aos meus amados pais Joseilton da Silva e Maria da Conceição Santos por todo o amor, dedicação, incentivo e pelos esforços e dificuldades por eles enfrentados para que pudesse estar realizando este sonho. Por eles sempre terem acreditado em meu potencial e por nunca terem desistido de mim. Imensamente agradecida por tudo o que já fizeram e fazem pela minha pessoa. Gratidão!

Aos meus queridos irmãos: Amanda, André, Alessandra, Aline, Alexandre, Elisa, Cristina, Cristiano e ao sobrinho Erick por todo o amor, pelo carinho e pelas palavras ditas a mim que sempre me enchem de orgulho. A toda minha família minha eterna gratidão!

A família que recentemente constitui, meu pequeno filho Víctor Lucas e ao meu esposo Darlan Brito os agradeço por tudo, pelo apoio, companheirismo, paciência e pelo o amor que a mim dedicam todos os dias, agradeço!

A minha turma 2011.1 pelo carinho, amizade, afeto e principalmente por todos os momentos vividos e compartilhados, e também a todos os meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram positivamente para esta conquista, os agradeço!

A instituição UEPB pela tamanha oportunidade a mim concedida. A cada um dos professores que fizeram parte desta minha caminhada, os agradeço por terem contribuído construtivamente para a minha formação. Guardarei com carinho todos os ensinamentos e momentos vivenciados ao lado de cada um. Gratidão a todos!

Com muito orgulho e carinho agradeço a minha admirável orientadora Cristiane Agnes Stolet Correia pela confiança, dedicação, paciência e atenção para comigo. Muito aprendi com você e para mim foi muito gratificante lhe ter como minha orientadora. Levarei para sempre comigo todos os seus ensinamentos, como também sua amizade, pois é assim que a vejo, como uma amiga. Obrigada por ter feito parte desta minha jornada, eternamente grata a Deus por ele ter me proporcionado conhecer alguém como você e peço a ele que sempre lhe proteja e ilumine todos os seus passos. Infinitamente grata Cristiane!

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade aprofundar o pensamento referente à educação e mais diretamente ao estudo da ética enquanto tema transversal. Reconhecendo o enorme valor dos Parâmetros Curriculares Nacionais para se repensar a educação atualmente, retoma-se seu apontamento embasador: “a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos”. A noção de cidadania é bem ampla e complexa, e abarca inexoravelmente a ética. Sabemos que a compreensão de ética também é múltipla, já que é abordada de diferentes maneiras no decorrer da história. Interessa-nos aqui investigar não seus desdobramentos histórico-filosóficos, mas sua própria condição transversal, intrínseca, que atravessa (ou deveria atravessar) todas as ações humanas. Também será investigada a própria noção de educação, a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Paulo Freire, Augusto Boal e Miguel de Unamuno, relacionada sempre ao contexto contemporâneo. Vale salientar que as obras de Unamuno utilizadas neste trabalho serão analisadas de modo breve, pois as mesmas serão trazidas a discussão para reforçar por meio dos pressupostos Unamunianos o conceito de educação a partir do pensamento de Freire. O recorte adotado será temático, enfocando o diálogo entre educação, vida humana, sociedade, liberdade-autoridade e artes. Os valores humanos serão repensados, a partir de uma reafirmação do que Unamuno chama de egotismo (uma busca do próprio eu, que necessita dos demais para fazer-se). Aí reside o papel vital da educação para Unamuno: em construir-se, criar. Unamuno quis ser o pai-mestre de um povo e neste intento provocou inúmeras inquietações, fazendo brotar questionamentos essenciais acerca da formação e do processo educativo de um homem. Os conceitos de liberdade-autoridade são imprescindíveis neste processo. Freire (2013, p. 102) declara que “ensinar exige liberdade e autoridade”, o que é viabilizado por relações respeitadas. Quando vejo o outro e me reconheço, recio-me, aprendo e ensino, tenho autoridade (sem ser autoritário) e sou livre na sociedade. Augusto Boal estende tais questões ao âmbito artístico. Se Freire propõe uma pedagogia a partir dos que historicamente foram / são oprimidos, Boal reafirma esta proposta, direcionando-a ao teatro, à estética. Concordando com Boal que “ser humano é ser artista” (2009, p. 19), busca-se apreender o papel da arte, que se constituirá como uma importante ferramenta pedagógica no processo educacional, capaz de desenvolver a sensibilidade e a criatividade, aprimorando a habilidade refletiva e, conseqüentemente, contribuindo para a construção de um mundo mais ético e para a formação de uma sociedade mais democrática. A final, acreditamos que só a partir de uma posição verdadeiramente ética pessoal, se poderá plantar sementes éticas a se perpetuarem na sociedade. Focaremos também o estudo da ética a partir de considerações oriundas do foco em trabalhos pedagógicos desdobrados da modalidade musical, considerando esta como um dos mais potentes caminhos a se seguir no processo de combate à opressão/exclusão dos cidadãos injustamente excluídos do convívio social.

Palavras-chave: Educação; Ética; Paulo Freire; Augusto Boal; Miguel de Unamuno; artes.

RESUMEN

Este trabajo tiene por finalidad profundizar el pensamiento referente a la educación y más directamente al estudio de la ética en cuanto tema transversal. La noción de ciudadanía es bien amplia y compleja, y abarca inexorablemente la ética. Sabemos que la comprensión de ética también es múltiple, ya que es abordada de diferentes maneras en la historia. Nos interesa aquí investigar no sus desdoblamientos histórico-filosóficos, sino su propia condición trasversal, intrínseca, que atraviesa (o debería atravesar) todas las acciones humanas. Será investigada la propia noción de educación, a partir de los presupuestos teóricos desenvueltos por Paulo Freire, Augusto Boal y Miguel de Unamuno, relacionada siempre al contexto contemporáneo. Vale enfatizar que las obras de Unamuno utilizadas en este trabajo serán analizadas de modo breve, pues las mismas serán traídas a la discusión para reforzar el concepto de educación a partir del pensamiento de Freire. El recorte adoptado será temático, enfocando el diálogo entre educación, vida humana, sociedad, libertad-autoridad y artes. Los valores humanos serán repensados, a partir de una reafirmación de lo que Unamuno llama de egotismo (una búsqueda del propio yo, que necesita los demás para hacerse). Ahí reside el papel vital de la educación para Unamuno: en construirse, crear. Unamuno quiso ser el padre-maestro de un pueblo y en este intento provocó muchas inquietudes, haciendo brotar cuestionamientos esenciales acerca de la formación y del proceso educativo de un hombre. Los conceptos de libertad-autoridad son imprescindibles en este proceso. Freire (2013, p. 102) declara que “enseñar exige libertad y autoridad”, lo que es viabilizado por relaciones respetosas. Cuando veo al otro y me reconozco, me recríó, aprendo y enseño, tengo autoridad (sin ser autoritario) y soy libre en la sociedad. Augusto Boal extiende tales cuestiones al ámbito artístico. Si Freire propone una pedagogía a partir de los que históricamente fueron / son oprimidos, Boal reafirma esta propuesta, direccionándola al teatro, a la estética. Concordando con Boal que “ser humano es ser artista” (2009, p. 19), se busca aprehender el papel del arte, que se constituirá como una importante herramienta pedagógica en el proceso educacional, capaz de desarrollar la sensibilidad y la creatividad, primoreando la habilidad reflejada y, consecuentemente, contribuyendo para la construcción de un mundo más ético y para la formación de una sociedad más democrática. Creemos que sólo a partir de una posición verdaderamente ética personal, se podrá plantar semillas éticas a perpetuarse en la sociedad. Enfocaremos también el estudio de la ética a partir de consideraciones oriundas del foco en trabajos pedagógicos desdoblados de la modalidad musical, considerando esta como uno de los más potentes caminos a seguirse en el proceso de combate a la opresión/exclusión de los ciudadanos injustamente excluidos del convivio social.

Palabras-clave: Educación; Ética; Paulo Freire; Augusto Boal; Miguel de Unamuno; artes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	9
2 A CONCEPÇÃO DA <i>EDUCAÇÃO A PARTIR</i> DE MIGUEL DE UNAMUNO E PAULO FREIRE -----	12
2.1 Obra <i>Amor y Pedagogía</i> -----	13
2.2 Obra <i>El maestro de Carrasqueda</i> -----	15
2.3 A pedagogia de Paulo Freire -----	17
2.4 O papel do docente e da instituição escolar -----	20
3. O TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL -----	27
4. A IMPORTÂNCIA DO USO DA MÚSICA DENTRO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM -----	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	41

1 INTRODUÇÃO

Ao optarmos por trazer a reflexão a partir do tema transversal *ética*, percebemos que este em sua totalidade abrange todos os demais temas transversais: *Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo*. Sendo assim, podemos afirmar que a ética é a base de tudo, é o pilar que sustenta os demais temas, pois ela não só perpassa por eles, como também caminha e dialoga fortemente entre eles, seja na teoria, seja na prática.

O presente trabalho tem por finalidade levantar questionamentos e despertar no leitor uma reflexão crítica-constructiva acerca do verdadeiro sentido da ética e de sua importância na construção de uma sociedade democrática, constituída por homens e mulheres instruídos a viver socialmente por meio da educação, esta como responsável por torná-los cidadãos atuantes, capazes de modificar e transformar o ambiente em que estão inseridos, como também de transformar-se pessoalmente. Eis uma via de mão dupla: o indivíduo influencia no social e o social influencia no indivíduo.

“O Brasil é um país democrático”, eis uma frase que se faz constantemente presente nos discursos políticos. Dizer que um país é democrático é dizer que ele é justo, que tem autonomia e livre arbítrio para o pensar e para o agir. Mas será que o nosso país realmente está dentro destes parâmetros? Liberdade, justiça e autonomia realmente são características dele? Ou será que sua democracia é eficaz apenas teoricamente? Um país democrático é um país que funciona eticamente? São inúmeros os questionamentos que nos vêm à mente quando nos referimos a uma sociedade que se diz ser democrática, mas que na prática muitas das vezes demonstra o contrário.

Para melhor explicitarmos nosso pensamento a respeito da democracia, faremos uso de dois exemplos que claramente mostrarão a diferença entre uma ação livre e outra não. Um exemplo de democracia é quando parte da população não está satisfeita com uma determinada atitude/ação de governantes, ou quando seus direitos não são respeitados, os cidadãos resolvem ir para as ruas e protestam em prol de mudanças e melhorias, neste contexto ocorre o livre arbítrio do pensamento e da ação. Um exemplo antidemocrático é quando um funcionário de uma empresa não é efetivo (contratado) e é obrigado a aceitar e obedecer tudo o que lhe impõem para não correr o risco de perder seu emprego, ou seja, mesmo não concordando com uma determinada atitude ou

conduta a ser obedecida, o funcionário fica de mãos atadas, pois o que está em jogo é o seu sustento, o sustento de sua família muitas vezes.

Daí nos perguntamos: há democracia sem liberdade de expressão? A sociedade está sujeita a obediência e isso resulta em divisões entre os que mandam e os que obedecem, entre opressores e oprimidos. Cada vez mais se cobram o cumprimento dos deveres determinados pela lei (ao menos para alguns) e cada vez menos se garantem na prática os direitos de cidadania.

Vivemos em uma sociedade marcada por transformações e constantes mudanças, inclusive no âmbito educacional, este que é tido como um dos responsáveis pelo funcionamento da sociedade, no que diz respeito à formação do homem enquanto ser social. Poderíamos chegar à conclusão de que a nossa educação é também democrática, já que o nosso país assim é considerado. Na verdade, sabemos que essa idealização está um pouco distante da realidade na qual nos encontramos. A educação brasileira tem tido muitos avanços, mas ainda está longe de se tornar a educação tão defendida e almejada pelos pensadores Paulo Freire, Augusto Boal e Miguel de Unamuno.

Queremos deixar claro que não é nosso objetivo criticar levemente o Brasil, tampouco induzir o leitor ao fazer o mesmo, queremos sim mostrar possibilidades de melhorias partindo da educação. A escola tem a importante função de contribuir para fortalecer a democracia, ou seja, trata-se de defender com todas as forças uma educação escolar voltada exclusivamente a contribuir para que indivíduos totalmente diferentes se reconheçam e se respeitem. Que cada um adquira com a diferença do outro uma aprendizagem diferente, uma nova perspectiva de vida, a aceitação de outras culturas, a praticar ações que realmente tornem a sociedade democraticamente justa e igualitária.

Muitas foram as conquistas na educação brasileira no decorrer dos últimos anos, mas ainda há muito o que se fazer. Para que as ações sejam verdadeiramente significativas, é necessário, primeiramente, haver uma real conscientização da situação educacional atual e uma reflexão constante acerca do procedimento mais adequado e pertinente por parte dos profissionais da educação, pensando a respeito da escola que se quer criar e, conseqüentemente, do cidadão que se quer formar. Os papéis ativos de todos os implicados na educação e a imprescindibilidade do diálogo são pontos que devem ser compreendidos e vivenciados em uma proposta pedagógica que se quer democrática. Questões como o papel do educador e o lugar da língua / literatura na formação do cidadão estão sempre presentes e certamente atravessam todos os níveis de escolaridade.

Com tantas mudanças incessantes, o ensino não pode fixar-se, também deve permitir a abertura para novos caminhos. Tal abertura começa na compreensão do ensino como o espaço para aprendizagem constante (de ambos os lados, professor e alunos), que se conquista com frutíferos debates. O ambiente dialógico é condição *sine qua non* para o início de uma nova prática educacional.

Infelizmente, parece que os pressupostos teóricos que Freire defende ainda não se consolidaram na prática, a pedagogia por ele almejada precisa ser colocada em ação, não basta apenas falar em educação, é preciso fazer a educação acontecer. Uma autêntica educação busca o despontar de obras, de criações, de novos caminhos, não meros movimentos repetitivos e sem sentido. A partir de constantes reflexões (promovidas por leituras de alguns textos do pensador Unamuno, seguidas de debates), é possível ao educando descobrir-se e melhorar-se, repensar suas ações e proliferá-las em obras edificantes.

Unamuno foi um dos grandes pesquisadores que contribuiu para a área educacional através da literatura. Natural da Espanha Unamuno nasceu em Bilbao, no dia 29 de setembro de 1864. Foi um escritor e filósofo espanhol considerado um dos expoentes da chamada geração de 98 da literatura.

Mesmo tendo sido um pesquisador de fins do século XIX e início do XX e suas obras tenham sido publicadas há alguns anos, seus pressupostos representam claramente práticas que deveriam estar em ação em nossa sociedade. Suas ideias e indagações têm muito a contribuir para a nossa sociedade de hoje, e por isso, considere pertinente trazer a discussão sua visão e concepção no que se refere a educação.

Significativas foram e são até hoje as contribuições trazidas por Unamuno, ele que foi o responsável por provocar nas pessoas questionamentos pertinentes acerca do processo educacional ao qual qualquer homem está sujeito para que possa se tornar cientemente um cidadão atuante, crítico- reflexivo. E a busca pelas respostas de tais perguntas ocorriam através de reflexões. Esse era o desejo de Unamuno, levar as pessoas a se questionarem a respeito do verdadeiro papel da pedagogia na educação enquanto formadora de cidadãos.

Uma das maiores preocupações de Unamuno era a busca pelo redescobrimento do lugar amoroso que a pedagogia tem e conseqüentemente o reconhecimento dessa pedagogia amorosa dentro de suas obras, estas as quais o mesmo dedicou toda sua vida, doando-se plenamente e depositando nelas suas expectativas, seus questionamentos, as observações feitas com base na sua própria experiência de vida e o enorme desejo de

poder contribuir com a educação enquanto mediadora do saber e responsável pela formação educacional e moral de um homem.

Paulo Freire também doou-se plenamente à causa dos considerados oprimidos e excluídos pela sociedade, a fim de lutar pelo direito da autonomia dos mesmos e garantir a oportunidade de cada um poder agir e conviver socialmente em meio a uma sociedade caracterizada pelo preconceito e pela desigualdade das classes sociais. Para Freire sua maior meta a ser alcançada por meio da educação era a de transformar radicalmente a forma como se encontrava a sociedade, desde sua estrutura social a sua concepção educacional.

Seu importante reconhecimento resultou de sua incansável atuação pela busca de mudanças e melhorias para a educação brasileira. Ainda que para alguns essa busca fosse considerada inalcançável ou até mesmo impossível, Freire jamais desistiu de lutar por uma educação acessível a todos.

A seguir, apresentaremos a partir do primeiro capítulo a concepção de educação através dos pressupostos de Miguel de Unamuno e Paulo Freire. Vale salientar que as obras de Unamuno utilizadas neste trabalho serão analisadas de modo breve, pois as mesmas serão trazidas a discussão para reforçar por meio dos pressupostos Unamunianos o conceito de educação a partir do pensamento de Freire. No segundo capítulo nos deteremos a contar um pouco da história do surgimento e criação do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, por fim, reservamos o terceiro e último capítulo deste trabalho para demonstrarmos a importância da contribuição do uso da modalidade musical dentro do processo de ensino-aprendizagem, como também explicitar sua funcionalidade e seu potencial na luta contra o fim da opressão/exclusão social.

2 A CONCEPÇÃO DA *EDUCAÇÃO* A PARTIR DE MIGUEL DE UNAMUNO E PAULO FREIRE

Falar de educação é falar de sociedade, uma vez que esta é composta por membros atuantes que trazem consigo uma formação educacional regida por valores e normas estabelecidos e necessários para o convívio social.

Miguel de Unamuno ao lançar-se como investigador diante de um conceito tão complexo que é a educação, mostra-nos a partir das obras: *El maestro de Carrasqueda* e *Amor y Pedagogía* que a educação em si, trata-se de uma série de fatores que envolvem a formação do ser desde a fase de criança até chegar a sua fase adulta, quando este por si mesmo passa a se reconhecer e atuar como um cidadão capaz de criticar e refletir não só seus próprios atos, mas também aos dos que estão ao seu redor.

Quero deixar claro que este trabalho não tem por finalidade fazer uma análise detalhada de ambas às obras de Unamuno citadas anteriormente. A partir das mesmas, proponho apresentar não só as principais ideias do autor, mas também seus pensamentos e desejos voltados para a educação, analisando e relacionando seus pressupostos aos de Paulo Freire, este que foi e sempre será um dos maiores pesquisadores na história da educação de nosso país.

Unamuno ao tentar repassar seus valores e ensinamentos doou-se plenamente a todo um povo, povo este ao qual fez e dedicou toda sua vida. Tornou-se um pesquisador que conseguiu provocar diversas inquietações e que ainda hoje continua a provocá-las. Sua trajetória pela literatura na área da educação trouxe como contribuições positivas o surgimento de questionamentos relevantes e de suma importância a respeito da formação educativa de um homem e de todo o processo pelo qual o mesmo passa para tornar-se cientemente um cidadão atuante, crítico-reflexivo.

Partindo de suas perspectivas, indagações, observações e a própria experiência vivenciada, Unamuno consegue chegar ao ponto chave de sua busca, que é redescobrir o lugar amoroso da pedagogia, lugar este que o mesmo ao tentar ser o pai-mestre de um povo pôde resgatar e apresentá-lo dentro de suas obras.

2.1 Obra *Amor y Pedagogía*

Na obra *Amor y Pedagogía* a partir do prólogo à primeira edição, claramente se percebe que o personagem elegido por Unamuno para representar seu romance foi Don

Fulgencio (2008 a, p. 28). Trata-se de um filósofo e pensador que a partir de sua atuação muito tem a nos ensinar. Fulgencio é muito mais que um simples personagem, ele é considerado a peça chave de toda a obra.

Don Fulgencio defendia a liberdade de ser aquilo que cada um realmente é, uma liberdade criativa que despertasse a criança existente dentro de cada pessoa, liberdade essa que está na criação e no fazer das coisas, capaz de despertar o lado poético que cada um traz dentro de si e que muitas vezes passa despercebido. Para Fulgencio, cada pessoa pode ser única, basta ela descobrir e vivenciar o ilógico, ter livre arbítrio para o pensar, para a poesia, para criar e recriar. Se tais ações não gerarem uma resposta ou resultado aceitáveis e racionalmente não corresponderem às expectativas daqueles que a priori esperavam um ilógico regido por regras, ou seja, fixado no já existente, melhor que assim o seja, a final, trata-se do “ilógico” e não do “lógico”. Tais reações só comprovaram que a pessoa foi capaz de redescobrir a partir de méritos próprios o que até então era desconhecido e que a palavra e o verbo necessariamente não precisam permanecer fixados semanticamente.

Não é fácil ser sempre criativo, porém muitas vezes a vida exige isso do ser humano. A criatividade e os jogos (brincadeiras) são dinâmicas que quando trazidas para a realidade educacional são fortes ferramentas pedagógicas e é essa dinâmica que precisa e deve ser mantida não só em uma ou outra fase da vida, mas sim durante todo o fazer da vida. Don Casiano, professor e filósofo, ensinou as crianças a sempre “conservar en el fondo del corazón una niñez perpetua” (UNAMUNO, 1952, v. 5, p.1022). Segundo Casiano, ao manter sempre viva a criança que está dentro de cada um, também se estará mantendo viva a criatividade e o lado poeta que ainda que não percebiam cada um traz dentro de si. Contudo, eis a questão: em meio a uma sociedade completamente burocrática, que sofre com as constantes mudanças e considerando por consequência destas as obrigações que nos cabem, como manter o lado criativo em ação na prática de nossas ações cotidianas? Permitir e dá espaço para que o potencial criativo atue em situações reais e na própria prática dos mais diversos ofícios existentes é uma das alternativas a se seguir. Partindo desse pressuposto tal alternativa parece-me ser um caminho que leva cada pessoa a conservar e não a destruir a criança-poeta que há em seu interior. Para reafirmar e enfatizar o que venho expressando em uma passagem da obra *Amor y Pedagogía* o personagem Don Fulgencio fala a seguinte frase: “Somente com nossa infância podemos aproximar-nos às crianças” (UNAMUNO, 2008 a, p. 87). A partir do momento em que o educador recordar sua infância, ele estará resgatando a

criança que um dia ele foi, a criança que através da recordação permanece existente no seu interior. Para aproximar-se das crianças com mais facilidade, seria interessante o educador adotar algumas características destas, tais como: permitir-se errar e com seu erro aprender, estar aberto a novas descobertas, criar e recriar sempre que preciso for, estar atento aos jogos (brincadeiras), considerar a vida e suas transformações, regressar ao passado em busca de lembranças, ou seja, estar apto a tudo que faça parte do viver, do que é ser criança novamente. Dessa forma torna-se possível poder falar em ação pedagógica sem que esta acabe em um mecanismo que termina resultando na perda da liberdade e corrompendo o individual, o pessoal de cada ser.

A partir do momento em que o educador doar-se plenamente com amor a sua prática pedagógica, conseqüentemente estará oportunizando seus aprendizes a uma educação amorosa e, por conseguinte, criadora e transformadora do saber, essa é a educação defendida e idealizada por Unamuno. E neste sentido vale trazer a discussão outra obra Unamuniana: *El maestro de Carrasqueda*. Através dela o autor expõe seus pensamentos referentes a educação e reforça a ideia de uma pedagogia amorosa.

2.2 Obra *El maestro de Carrasqueda*

Para Unamuno só tem importância falar em educação se esta aflorar o que cada um traz individualmente no seu coração a partir da criatividade artística e a sensibilidade para com esta.

El maestro de Carrasqueda trata-se de um conto curto que apresenta uma história repleta de conhecimentos e que nos repassa uma lição de vida. Em poucas palavras resumirei o que se passa nesta pequena história: O narrador invoca, pouco depois da sua morte, Don Casiano, um professor que veio para Carrasqueda com ideias inovadoras e que conseguiu terminar com o atraso do povo pela educação das crianças que lá viviam, entre todas as crianças havia uma que se destacava das demais, Ramonete, um menino que com o passar do tempo ao crescer tornou-se um importante político que trouxe fama para o lugar de seu nascimento. No curto conto, Don Miguel dá ênfase a sua perspectiva com relação à educação. Logo de início o texto mostra claramente seu pensamento filosófico sobre essa perspectiva:

_ Discurrid con el corazón, hijos míos, que ve muy claro, aunque no muy lejos. Te llaman a atajar una riña de un pueblo, a evitarle un

montón de sangre, y oyes en el camino las voces de angustia de un niño caído en un pozo: ¿le dejarás que se ahogue? ¿Le dirás: << No puedo pararme, pobre niño: me espera todo un pueblo al que he de salvar? >> ¡No! Obedece al corazón: párate, apéate del caballo y salva al niño. ¡El pueblo... que espere! Tal vez sea el niño un futuro salvador o guía, no ya de un pueblo, sino de muchos (UNAMUNO, 1952, v.5, p.1020).

Essa linda e profunda história costumava ser sempre usada pelo professor Casiano, personagem Unamuniano. Através desse conto, Casiano repassava para seus alunos a importância de se pôr em prática os sentimentos de solidariedade e compaixão para com o próximo. Trata-se de uma pequena narrativa usada pelo maestro para demonstrar como é forte o poder da recordação. Usa a narrativa para exemplificar que os sentimentos que compõem o coração sempre falaram mais alto diante de situações que exijam solidariedade, compaixão e principalmente amor. Ainda que tais situações modifiquem a trajetória ou os planos feitos, nada mais é importante que ouvir a voz do coração. Isso não implica dizer que não se deve planejar os passos seguintes a se dar na vida, pelo contrário, é essencial planejar e criar estratégias para poder alcançar aquilo que se deseja, que se almeja realizar. O que quero dizer é que nem sempre as coisas que planejamos acontecerão da maneira como prevemos e nem como queremos que sejam, os imprevistos acontecem e isso é mais que natural, pois a própria vida é feita imprevistos, por tanto, o que planejamos para ela também. A vida exige a flexibilidade e a sensibilidade de nós para que possamos enfrentar situações inesperadas que não podemos ignorar, mas sim buscar meios e formas para enfrentá-los, assim como fez o rapaz ao dizer não para a razão no momento em que se deparou com uma situação que dele exigia total compaixão, deixando o coração falar mais alto e agindo pela emoção ao descer do cavalo e salvar a uma criança que estava caída dentro de um poço prestes a se afogar. Mesmo tendo todo um povo para salvar, o rapaz percebeu que naquele momento a criança estava mais necessitada de sua ajuda e não optou em seguir com sua trajetória, seguir com seus planos, decidiu salvar o que naquele momento era apenas uma criança inocente e indefesa, mas que poderia no futuro ser o que este rapaz era naquele momento, talvez fosse essa criança o salvador de um futuro próximo.

O professor Casiano não se cansava de repetir tais ensinamentos, ainda que seus alunos não compreendessem exatamente o que ele queria repassar com aquela pequena narrativa, Casiano acreditava que um dia essas crianças iriam de uma maneira ou de outra compreender o porquê de se agir com o coração e não com a razão em determinadas situações. O professor indaga que só a partir de situações reais, concretas

e vivenciadas é que seus alunos poderiam perceber a moral de seus ensinamentos, só entenderiam quando aprendessem verdadeiramente com o coração. O professor sempre argumentava seus pensamentos partindo de conceitos concretos, de histórias verídicas e de sua própria experiência, o mesmo acreditava que para que seus ensinamentos se perpetuassem na vida daquelas crianças ele teria que partir de uma realidade existente e que pudesse deixar em cada uma delas uma lição de vida, de reflexão contínua. Ao fazer uso de tal estratégia o mesmo era considerado um exemplo de pessoa a ser seguida, uma vez que apresentava os mais puros sentimentos e dedicação para todo um povo. De tal maneira atuou também um dos mais respeitados, conhecidos, admirados e contribuintes para a educação brasileira, o grande pesquisador Paulo Freire. Se Unamuno defende uma pedagogia amorosa, Freire defende uma pedagogia libertadora e inovadora, o que tem tudo a ver com a pedagogia apresentada por Unamuno pois para se oferecer uma aprendizagem verdadeira, livre e criativa é preciso que o docente dedique-se com amor à docência pois se não houver amor pela profissão, não haverá prática bem sucedida.

2.3 A Pedagogia de Paulo Freire

Considerado como um dos maiores pensadores do século XX Paulo Reglus Neves Freire nasceu no Recife, em 19 de setembro de 1921. Teve uma infância bastante difícil e teve também que passar por muitos obstáculos para chegar onde chegou. Se hoje Freire é reconhecido, respeitado e admirado por suas obras, é graças ao seu esforço, a sua luta por uma sociedade justa, por uma educação transformadora e pelo seu eterno sonho, o de tornar o homem um ser crítico e atuante, um ser capaz de intervir e modificar de acordo com suas necessidades o ambiente em que está inserido.

Freire apresenta em seus discursos uma visão ampla sobre a pedagogia. Seus conceitos são baseados em um modelo pedagógico inovador, que defende a ideia de uma pedagogia libertadora, de um ensino que não esteja fixado mecanicamente no ensino bancário, ou seja, no “ensino tradicional” que ao longo de muitos anos foi o método de ensino mais utilizado para alfabetizar as crianças. Trata-se de um método em que ocorre a transferência de conhecimentos e saberes entre professor e aluno. Hoje esse método ainda é bastante utilizado em sala de aula, mesmo com o surgimento de novos métodos inovadores, muitos educadores ainda permanecem fixados no método tradicional.

A curiosidade epistemológica é a responsável por levar o aluno a questionar o saber, a fazê-lo querer saber cada vez mais, a torná-lo capaz de discordar dos argumentos do professor, a transformá-lo em um ser crítico-reflexivo e a direcioná-lo a não limitar-se em apenas aquilo que o docente o ensinou. Eis a importância da curiosidade despertada no aprendiz segundo (FREIRE, 2013, p. 84) “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão”.

A curiosidade, portanto, é indispensável tanto no processo de aprendizagem como no processo de ensino, pois deve o professor também lançar mão de sua curiosidade afim de não só satisfazer-se enquanto questionador do saber diante de seus alunos, mas fazer uso da mesma para aprender mais, para comparar sua opinião com a de seus alunos, utilizá-la para sua própria ação pedagógica ao direcionar seu aprendiz a fazer-se curioso durante a aula, ao fazê-lo buscar, pesquisar e questionar o argumento usado pelo o professor que não lhe convenceu durante a explicação. O docente deve dessa maneira atuar durante sua prática, pois só assim, a aula passa a tornar-se criativa, produtiva e prazerosa.

(...) o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam* não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2013, p. 83-84)

Diante de tal concepção é possível perceber que é imprescindível que a curiosidade se faça presente entre professor/aluno durante o processo de ensino/aprendizagem para que haja um maior rendimento e uma verdadeira relação entre a troca de conhecimentos e experiências entre ambos. Essa concepção de “despertar no aprendiz a curiosidade” é algo que não ocorria no ensino bancário já que este não visava construir o saber, mas sim, transferi-lo para avaliar o aprendiz através dessa transmissão.

Se pensarmos no papel do professor e seus deveres a cumprir diante de sua tarefa desafiadora e transformadora do saber, perguntamos então se o método tradicional seria o mais adequado para sua atuação contemporânea? Se analisarmos o que foi comentado anteriormente veremos que o ensino bancário é um ensino que necessita de complemento e apoio para a atuação pedagógica. Isso decorre porque o método

tradicional deixa a desejar nos seguintes quesitos: aprendizagem e curiosidade epistemológica limitadas, carência de estímulos para reflexão e formação de opinião própria e crítica, repetição do conhecimento adquirido ao invés da (re)produção do saber através da compreensão pessoal do aprendiz e principalmente a questão da aprendizagem que torna-se um saber mecanicamente decorado e que corre o risco de perder-se com o passar do tempo, pois trata-se de um sistema em que o aluno praticamente absorve o conhecimento, mas não o reproduz, isso é o que ocorre no chamado “ensino bancário” em que o professor deposita no seu aluno o seu conhecimento e este o guarda em sua memória por um determinado tempo assim como o dinheiro que é depositado no banco e sacado sempre que necessário desfazê-lo dele. Para Freire, diante de tal situação o necessário é que:

(...) subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a construção, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. (FREIRE, 2013, p. 27)

Surge a partir dessa prática a necessidade do aluno por si mesmo buscar manter intacta sua vontade de aprender diante das dificuldades que lhe surge, mesmo existindo profissionais que ainda façam uso apenas desse método, o aprendiz deve sempre buscar mais, cobrar mais, questionar, criticar, concordar e duvidar sempre que necessário, pois só assim, será possível falar de uma educação pra vida toda, e não uma educação com prazo de validade, que se perde ao longo do tempo por ter sido simplesmente decorada ou adquirida sem valores concretos, apenas absorvida mas não produtiva.

Não estamos e nem é a nossa intenção induzir o leitor a crer que a pedagogia tradicional não sirva mais hoje como método único de ensino da mesma forma que serviu em épocas passadas. Diversos são os métodos de ensino que surgiram ao longo do tempo, métodos inovadores que auxiliam o docente no processo educacional e proporcionam aos educandos uma aprendizagem de qualidade e principalmente crítica-reflexiva-construtiva.

Reconhecemos a importância do *Método Tradicional* e de seu uso no processo de formação educacional do ser humano durante muitos anos. Mas também reconhecemos que com a evolução da sociedade contemporânea esse método não mais

satisfaz totalmente a realidade educacional, é preciso inovação, criatividade, pesquisa, rigorosidade metódica e principalmente dedicação por parte de todos os que almejam uma educação de qualidade e transformadora do saber.

2.4 O papel do docente e da instituição escolar

Um bom docente é aquele que possibilita ao alunado a oportunidade de aprender a pensar de maneira crítica-reflexiva, isso só é possível se existir por parte do docente total dedicação e amor pela profissão, pois aprender não implica em apenas reproduzir aquilo que se ouviu e que posteriormente “se aprendeu” na aula durante a explicação do professor. Ensinar é muito mais que uma série de regras gramaticais ou fórmulas decoradas, é permitir que o aluno aprenda a conhecer os fatos e os acontecimentos em sua razão de ser, compreender o motivo e a circunstância pelo qual a informação nos chega da maneira que a vemos e aprendemos. É neste sentido que:

(...) ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (...) Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 2013, p. 28).

A relação entre ensino e aprendizagem é muito importante e de extrema relevância para uma formação satisfatória. É preciso ter em mente que quando se está ensinando, se está aprendendo e quando se aprende se ensina ao aprender porque a informação ou o conhecimento adquirido quando debatidos em grupo passam por uma reformulação de ideias e dá lugar a um novo conceito de aprendizagem, aprendizagem essa que passou por críticas, elogios e reformulações. Daí a necessidade de uma pedagogia amorosa, pois isso só é possível quando o docente coloca em prática a pedagogia apresentada por Unamuno que enfatiza uma aprendizagem voltada para a vida toda, sem limitar-se ao tradicional que na maior parte das vezes tem como prioridade apenas transmitir o conhecimento, ficando a cargo de o aluno transformar este em um aprendizado permanente, o que dificilmente acontece.

O ambiente em que ocorre o processo de construção do saber é tão importante quanto aqueles que o compõe. A escola, por tanto, é tão imprescindível quanto o educador e todos os profissionais que atuam na área e cabe a estes e aos que nela

depositam sua total confiança terem consciência de que a escola é um ambiente que proporciona o desenvolver crítico do homem para sua atuação social. Neste sentido, Freire defende a ideia de que a escola é:

Espaço privilegiado para que se desenvolva um conhecimento crítico como ferramenta de construção da realidade, a partir das capacidades em identificar situações e razões que determinam os contextos sociais, econômicos e culturais em que o aluno vive, no momento histórico em que vive (*Revista ABC Educatio apud Espaço Pedagógico: Educadores do Século XX e sua ação na atual sala de aula*, p. 34).

Concordando plenamente com Freire de que a escola não é apenas um ambiente em que ocorre a transmissão de conhecimentos, defendemos a ideia de que a escola deve por obrigação e dever tornar o ambiente escolar cada vez mais próximo da realidade do alunado, pois muitas vezes o que acontece é que a atuação pedagógica se distancia da verdadeira situação do aprendiz, transferindo-lhe por tanto conhecimentos que estão programados com base em um determinado sistema que não considera a realidade do aluno, desconsiderando assim, sua individualidade, seus preceitos e opiniões próprias de seu tempo e o lugar em que vive. “As diferentes etapas do método de Freire têm como objetivo partir da realidade cultural do aprendiz, de seu universo temático, para relacioná-lo com suas condições de vida e com a condição de vida de seus pares” (*Revista ABC Educatio apud Espaço Pedagógico: Educadores do Século XX e sua ação na atual sala de aula*, p. 34).

É preocupante o fato de não se considerar a realidade em que o aluno vive, as condições as quais são submetidos a encarar a vida e a dificuldade que muitos passam para que possam estudar com tão poucas oportunidades. O professor não desempenha apenas a função da docência, este dentro da sala de aula desempenha inúmeras funções, tais como: psicólogo, amigo, pai, mãe, entre outros. Muitas das vezes o aluno encontra na pessoa do professor o que não encontra nas pessoas de sua família, por isso, é fundamental e indispensável que o educador seja compreensível e justo diante de casos que mereçam atenção e sensibilidade de sua parte.

Não é possível respeito aos educandos, a sua dignidade, à seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 2013, p. 62).

Cabe a escola a responsabilidade de “transformação do homem” para sua atuação social. Isso não implica em dizer que o papel da escola é de apenas repassar aos aprendizes as aprendizagens do docente. Sua função vai além disso, ela tem compromisso ético para com os alunos em processo de formação crítica-social.

É dever da instituição escolar para com seu alunado ensinar-lhe as regras de convivência, as normas e leis que estão ao seu favor “direitos” como também as que deve respeitar “deveres”, desenvolver sua criticidade a fim de torná-lo um ser capaz de criticar algo por meio de argumentos próprios e principalmente fazer com que este se entenda e se reconheça como um ser inacabado, que estará sempre em processo de construção. Nesta direção, Freire enfatiza que:

Como o homem é um ser inacabado, chega à escola em condições de “transformação”, e, por esse motivo, o processo não pode limitar-se a transferir informações, fatos, mapas e fatos, situando-se em uma acomodação e um ajuste ao estabelecido, mas em um processo de compreensão e de efetiva libertação (*Revista ABC Educatio apud Espaço Pedagógico: Educadores do Século XX e sua ação na atual sala de aula*, p. 34).

Infelizmente o que acontece na realidade hoje é o contrário do que defende Paulo Freire. O processo educativo contemporâneo distante do que foi comentado anteriormente, limita-se em repassar para o alunado os saberes que o docente e o sistema de ensino consideram necessários para a prática social. O que acontece é que esse repassar de saberes são depositados de forma acrítica, de maneira que não são trabalhados em sua totalidade, sem o aprofundamento de conhecê-los em suas razões de ser.

Outro fator preocupante é o processo de ensino que hoje se encontra bastante distanciado do processo idealizado por Paulo Freire. Este admirável pensador tinha grande preocupação com o modo em que se dava o ensino. Contra o ensino bancário ele defende a seguinte ideia:

A educação libertadora necessita desenvolver novos processos de ensino, estabelecendo uma aprendizagem dialógica, que se apoia no método de problematização. O professor não mais é visto como proprietário do saber e detentor do conhecimento, mas como personagem crítico na proposição de desafios e encaminhamentos de processos de procura, sabendo sempre que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo” (*Revista ABC Educatio apud Espaço Pedagógico: Educadores do Século XX e sua ação na atual sala de aula*, p. 34).

Hoje, ainda percebemos que existem educadores que se acham donos do “saber” ou que pelo menos “aparentam saber”. Muitos consideram os aprendizes como pessoas sem conhecimento algum e que dependem deles para aprender. Na verdade, todo aluno tem seu próprio conhecimento, aquele adquirido através de sua experiência de vida, de seu convívio pessoal também chamado de conhecimento de mundo, que deve ser respeitado e até compartilhado em sala com os colegas se for o caso.

Esse pensamento de se considerar dono do saber é algo que nos chama atenção e que merece reflexão pois claro está que ninguém tem pleno poder sobre o conhecimento, pois o homem como ser inacabado está em constante transformação e em busca do aprimoramento dos saberes. O que se tem é o domínio do saber em construção, mas jamais o seu domínio permanente.

Quando o professor considera o saber do aprendiz, este aprende ao ensinar-lhe, e quando o aprendiz aprende com o professor, este o ensina ao aprender. É importante esta relação entre aluno/professor durante o processo de ensino, a partir de diálogos, comparações, questionamentos, críticas e debates, mas quando isso não ocorre, o que resta dentro desse processo é o uso do sistema bancário, que se resume portanto, na aula expositiva em que professor fala, aluno responde e faz anotações em seus cadernos, guardando-as para fazer uso durante o período de avaliações(provas). Dessa forma, o conhecimento é depositado em algumas folhas de caderno e lembradas quando o professor lhes mandam estudar para tal data, mas o que acontece é que o aluno não procura estudar verdadeiramente para aprender criticamente, ele prefere decorar fórmulas ou teorias e aplicá-las mecanicamente na avaliação. Cabe enfatizar desse modo que:

A escola, como instituição social, ainda passa para seus alunos muitos dados, que são internalizados por eles e armazenados em sua estrutura cognitiva para serem repetidos em provas e, frequentemente, esquecidos logo a seguir, porque não relacionados nem com a experiência de vida dos estudantes e nem com seus conhecimentos anteriores (MORETTO, 2013, p. 5).

Isso talvez aconteça devido alguns fatores, tais como: o aluno ter se acomodado devido o professor não lhe despertar curiosidade durante a aula ou não lhe questionar nada, o professor por apenas repassar o saber sem associá-lo a algo que faça parte do cotidiano do aprendiz, o aluno por não ter atuação própria em sala de aula, o professor

por não cobrar do aluno e este por não cobrar do professor um ensino significativo e verdadeiro e por não haver por parte destes ações construtivas em sala de aula.

Na verdade, o que falta são iniciativas individuais e próprias por parte tanto do educando, quanto do educador. Individual por parte do educando quando este cobra de si mesmo mais esforço e interesse pela aprendizagem, por parte do professor quando este se doa mais e reconhece que precisa melhorar e aperfeiçoar suas técnicas de ensino. Iniciativas em conjunto seria quando o aluno passaria a cobrar mais do professor, e este cobrar mais do aluno, ou seja, que ambos se cobrassem mais e passassem a trabalhar em conjunto, transformando a aula em um verdadeiro momento de prazer, de discussões, de troca de experiências e compartilhamento de ideias.

No processo de ensino a postura e o procedimento do professor para cumprir bem o seu papel vai depender muito de como este atua na prática. O professor deve primeiramente conscientizar-se de que ele deve demonstrar sua autoridade em sala, como também deixar claro a diferença entre liberdade, respeito e amizade entre ele e seu aprendiz. Não deve permitir que o aluno ultrapasse os limites por ele determinado e nem que este desrespeite sua autoridade, que ele entenda que sua autoridade não serve para despertar medo nele, mas sim, que ele está cumprindo seu papel e seu dever para com seu aluno. Freire argumenta neste sentido que:

É o meu bom-senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever (FREIRE, 2013, p. 60).

O professor jamais deve abrir mão de sua autoridade, mas também não deve confundi-la com o autoritarismo. É sua obrigação manter a ordem na sala de aula no momento em que está lecionando, essa ordem sempre fundamentada com base no que este pode ou não fazer dentro do poder que detém como responsável pela turma. Há professores que fazem de sua autoridade o autoritarismo, abusando de seus direitos, descumprindo seus deveres e violando os direitos dos aprendizes, impondo neles medo e apreensão, isso não é ética, é abuso de poder.

A atuação pedagógica depende muito da relação entre aluno/professor. Não basta só o professor ser dedicado e responsável, é preciso que isso ocorra por parte dos dois, pois o professor é moldado pelo seu aluno. Se o aluno for esforçado e dedicado, o

professor sentirá prazer e satisfação em lecionar para ele, mas quando isso não acontece, tudo se transforma, as coisas não fluem bem, caminham lentamente e o ambiente torna-se o pior lugar em que se deseja estar. A essa concepção cabe salientar que:

O professor ideal precisa ter uma boa conduta e competência para ensinar; atitudes como controlar a classe, ser compreensivo, atencioso e estar disponível para ajudar os alunos são fundamentais para se manter um bom relacionamento. A relação aluno-professor é humana e influi tanto para o bem como para o mal. O professor transmite ensinamentos importantes e duradouros, os alunos também influem sobre o comportamento do professor, que ao perceber a dedicação e o sentimento do aluno em relação aos trabalhos, dedica-se mais e passa a melhorar o seu modo de tratar seus alunos; mas, quando isso não ocorrer, o professor não deverá punir-se como culpado, precisará controlar seus sentimentos e não responder com desinteresse ao desinteresse de seu aluno. A motivação para aprender envolve inúmeros fatores interligados mutuamente dentro e fora da escola num processo embutido de emoção, motivação e afetividade; assim, pensamos que não há aprendizado se o educando não está motivado (MORALES *apud* LAGE, 2013, p. 20).

Por tanto, volto a dizer que o aluno faz o professor e este faz o aluno, cada um dependerá da atuação do outro para que haja uma relação educada entre ambos. Não é apenas o ensinar que está em questão, mas sim, o que e como ensinar. O processo de ensino/ aprendizagem é bastante complexo e requer dedicação total, não se pode cobrar do aluno aquilo que não lhe foi ensinado, nem se pode cobrar do professor uma nota de aprovação se o aluno não estudou e nem fez por onde merecer ser aprovado. Cada um tem que fazer a sua parte e todos trabalharem em conjunto.

O professor deve apresentar-se como um ser desafiador diante de seus alunos. Questionar, provocar, despertar, concordar, discordar, considerar, desconsiderar são verbos que devem ser usados pelo professor durante sua atuação em sala. São esses verbos que farão com que o aluno torne-se um ser crítico, reflexivo, atuante e transformador do meio em que está inserido. Sua prática deve ser refletida e avaliada por si mesmo, a fim de melhorar cada vez mais sua atuação, e conseqüentemente, aperfeiçoar a aprendizagem do aprendiz. De acordo com (FREIRE, 2013, p. 40), “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Não há prática perfeita, pois não há aluno igual um ao outro. Há práticas que são bem desempenhadas, mas também há outras que não são bem sucedidas, que desaponta tanto o professor quanto o aluno.

A postura do professor é o que vai determinar o sucesso de sua prática. Quanto mais original, espontâneo, esforçado e amoroso for o professor, maior serão suas chances de ser reconhecido e valorizado como realmente merece. Tudo se transforma quando a prática resulta de planejamentos, dedicação, auto avaliação, inovação e principalmente o amor pela profissão. O aluno ao perceber que a aula não mais seguirá aquela mesma rotina passa a se interessar mais, a interrogar o docente, participar das discussões em sala, compartilhar seus pensamentos e opiniões a respeito de um determinado tema com os colegas, compreender os conteúdos ao invés de decorá-los, tornar-se um aluno crítico e reflexivo, com atitudes próprias, capaz de intervir e até mesmo de transformar o ambiente em que está inserido.

É preciso tomar a educação como algo essencial e indispensável para a formação do ser humano e conseqüentemente sua atuação transformadora do saber. É lamentável o descaso com a educação e a falta de reconhecimento de sua importância em todos os âmbitos sociais. Há quem não a considere importante e útil, o que é realmente lamentável, mas Freire a esse respeito nos repassa a seguinte ideia:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 2013, p. 142).

A prática pedagógica de hoje quando refletida deixa a desejar, falta mais engajamento, comprometimento, atitudes transformadoras, ações concretas e acima de tudo a vontade de fazer de nossas crianças cidadãos de bem, homens e mulheres honrados, de mudar o que não está certo, de lutar em busca de um futuro próspero e a favor do bem da humanidade. É preciso mais preocupação com o que se ensina e como se ensina, uma boa educação é herança pra toda vida.

3 O TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL

A visão e opção ética de Boal para tentar resgatar o indivíduo ao convívio social é a de negação contra a opressão, sua luta é a favor do fim de qualquer tipo de manifestação opressiva, pois enquanto houver opressão haverá oprimido. Dialogando com Boal, Freire em busca de uma sociedade livre de exclusão e divisão de classes sociais lança-se na causa dos oprimidos, pois claro está que uma sociedade que exclui consequentemente ela oprime, onde há preconceito, discriminação, desrespeito, racismo e injustiça há também opressão. Boal acredita que as artes e mais diretamente o teatro é uma das formas mais eficazes pela qual o oprimido pode ser valorizado, reconhecido e aceito pelos que estão ao seu redor. Assim, cabe trazer alguns pressupostos da *Estética do Oprimido*, que une arte e educação.

A *Estética do Oprimido*, obra de autoria do grande e admirável pensador Augusto Boal, retrata em seus relatos a lamentável situação de uma sociedade que a princípio apresenta-se como democrática e justa, mas que na verdade a realidade demonstra o contrário. A sociedade apresentada na obra e criticada por Boal é aquela que é dominada pelos opressores, estes que se consideram exemplos a serem seguidos e que determinam como os cidadãos devem viver e agir socialmente. Estes cidadãos são denominados de *oprimidos*, pois são submetidos a uma estética baseada no Pensamento Único em que oprimidos devem aceitar calados o que lhes impuserem, pois só assim, os opressores passam a ter plenos domínios do poder para manipular os considerados por eles como inferiores e fracos, ou seja, os oprimidos. Neste sentido vale ressaltar a seguinte indagação:

Como é possível defender a multiplicidade cultural e, ao mesmo tempo, a ideia de que existe apenas uma estética, válida para todos? Seria o mesmo que defender a democracia e, ao mesmo tempo, a ditadura (BOAL, 2009, p.15).

A estética a qual os oprimidos são submetidos é uma estética válida para toda a sociedade, porém não há como e nem é possível que uma única estética possa servir de forma justa e agradável a uma sociedade constituída por indivíduos que se diferenciam desde o nascimento até a criação e a formação educacional. No âmbito social, cada pessoa é única, cada uma possui suas particularidades, sua religião, sua etnia, seus sonhos, sentimentos, desejos, e são esses os fatores que nos levam a perceber o quanto é injusto pessoas completamente diferentes terem que aceitar um único modelo estético,

modelo esse que é determinado pela elite, pelos que se consideram donos da verdade e do poder. Para combater tamanha opressão é preciso acabar com os que a fazem progredir, os opressores. É preciso unir forças a favor de uma única causa: A libertação dos oprimidos, pois só existirá sociedade democrática, justa e igualitária quando não houver mais nem opressor e nem oprimido.

Um fator muito preocupante é que os opressores fazem da Palavra, da Imagem e do Som suas armas de ataque contra os oprimidos. Estes elementos são ferramentas poderosas e que usadas a favor dos opressores podem influenciar cada vez mais a prática opressiva. Assim:

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo! (BOAL, 2009, p. 15).

É necessário fazer das armas do inimigo as nossas, assim, lutaremos com o mesmo potencial que eles, só assim, será possível reagir de igual para igual.

A arte tem o poder da criação, os oprimidos devem fazer da arte escudo de proteção. O teatro por sua vez é o responsável por tornar reais ideias, pensamentos e sonhos. Através do teatro é possível perceber e enxergar aquilo que é obvio e que passa despercebido por nós. A interpretação dá vida ao imaginário através de três elementos: Palavra, Imagem e Som. São esses elementos que darão voz e vez aos oprimidos.

Partindo do teatro, para que a sociedade passe a ser livre da opressão seria interessante que os oprimidos se imaginassem no lugar dos opressores para que pudessem perceber como eles enquanto oprimidos são tratados pelos opressores. Boal desenvolveu sua metodologia a partir de técnicas teatrais, e para isso, ele tomou como base diversas leituras e bastante reflexão, mas principalmente, Boal alimentou-se das obras de Freire para dar origem ao Teatro do Oprimido para através dele dar vida aos que não usufruí da liberdade que há no viver. Não estou insinuando que os oprimidos devam agir igual aos opressores, de forma alguma, estou querendo mostrar que os oprimidos só reagirão quando realmente perceberem como atuam os opressores. Acredito que em algumas situações só existam opressores porque há quem se deixe ser oprimido, não porque se queira que isso aconteça, mas porque muitas das vezes o

oprimido não consegue enxergar meios possíveis para acabar com esta prática tão maléfica a sociedade que é a opressão.

É neste sentido que Boal traz a partir do *Teatro do Oprimido* uma série de jogos teatrais que mostram possibilidades para combater tal ação. Através do teatro e da encenação propriamente dita, o oprimido consegue perceber como o opressor age sobre ele, e como ele também oprime sem se dar conta, pois oprimido também é opressor. Um exemplo bem simples disso é quando um assalariado é desrespeitado, humilhado e maltratado pelo patrão, ele fica totalmente frustrado por não poder tê-lo enfrentado como gostaria, pois o medo de perder o seu emprego era maior, daí procura encontrar a solução na bebida e ao chegar em casa sem perceber desconta toda a raiva pelo patrão em sua família, acaba discutindo com a esposa e com o filho, ferindo os sentimentos deles, as vezes até usa da violência e os agride resultando em uma total tortura/opressão. E por muitas e muitas vezes o homem age dessa forma, o que só reforça a ideia de que enquanto o homem não reconhecer o papel do opressor e do oprimido ele seguirá agindo de tal maneira sempre.

É realmente muito fascinante o trabalho artístico, Boal diz que cada indivíduo representa um ator, que todos nós somos atores, sim, somos atores da vida, diariamente enfrentamos situações diversas, muitas das vezes necessitamos da criatividade para encará-las, estamos em constante atuação, não necessariamente em um teatro, mas na própria vida, de modo que somos capazes de transformar até mesmo aquilo que para muitos não tem mais jeito. No Teatro do Oprimido o espectador é convidado a atuar junto dos atores em cena derrubando desse modo qualquer barreira existente entre os indivíduos ali presentes, acabando com qualquer tipo de divisão de classes. O teatro tem o poder de resgatar todo aquele que é menosprezado, abandonado e injustamente afastado do convívio social. No teatro todos têm a oportunidade de ver o mundo com outros olhares, de permitir-se viver uma outra realidade, de reconhecer-se e aceitar-se como são verdadeiramente, e não como a sociedade os querem que sejam, opressores lançam sobre estes olhares de discriminação e desprezo.

No teatro os valores humanos serão repensados, a partir de uma reafirmação do que Unamuno chama de egotismo (uma busca do próprio eu, que necessita dos demais para fazer-se), mas isso só é possível se houver uma relação respeitosa por parte de cada indivíduo. Como buscar o meu próprio eu em uma sociedade onde minha identidade cultural não é considerada e nem valorizada? É preciso mais humanização,

solidariedade e mens desrespeito com o próximo. Excluir alguém de seus direitos também é um ato opressivo.

A opressão ocorre principalmente por parte da elite e reflete na classe social mais desprovida de oportunidades e direitos e devido a isso, torna-se muito difícil lutar contra aqueles que detêm o pleno poder. Argumentos contra os opressores são inúmeros, porém os meios para que eles se propaguem estão sempre voltados e no domínio dos que acreditam que uma única estética é capaz de atender aos desejos e necessidades de uma sociedade constituída por etnias, raças, classes sociais e religiões totalmente distintas. Assim são, pensam e agem os opressores. Assim ocorre a opressão.

Os oprimidos devem agir em conjunto, pois é o conjunto em sua totalidade que faz a diferença e não cada unidade do conjunto agindo isoladamente. A opressão não atinge apenas um ou outro cidadão, ela oprime a maior parte da população que na maioria das vezes não percebe. Muitas vezes a opressão começa dentro do próprio lar, na família, entre amigos, no trabalho, entre colegas de classe, ela está em toda parte interferindo na vida de milhares de pessoas e tornando a sociedade cada vez menos democrática, sem valores e sem respeito.

Fazendo das palavras de Boal as minhas “cidadão não é aquele que vive em sociedade – é aquele que a transforma”, essa transformação deve ser a favor de todos e não apenas de uma parte da população, se cada um fizer a sua parte, cada um garantirá seu lugar na sociedade, livre de opressão. A estética das coisas e das pessoas está no ponto de vista de cada um, cada pessoa tem um olhar diferente para cada coisa, o que pode ser belo para alguém pode não ser para outro alguém ou talvez possa ser belo e feio ao mesmo tempo. Tudo depende do julgamento de quem olha. Enfim, a arte permite ao oprimido um olhar diferente daquilo que é julgado como feio, permite enxergar o mundo de mil maneiras diferentes, permite compreender o porquê das coisas serem como são.

Na minha concepção não há como falar em educação sem falar em sociedade, e neste sentido, parece-me que deve ser colocada em prática uma teoria artística ou até mesmo uma estética que possa contribuir para a transformação da sociedade, principalmente no que diz respeito à sua estrutura, tornando-a verdadeiramente democrática, ainda que seja algo considerado impossível, é preciso dedicar-se plenamente para que esta sociedade que tanto se almeja seja realmente concretizada. É partindo dessa concepção que Augusto Boal com a obra *A Estética do Oprimido* vem

debatendo em sua literatura possibilidades de se resgatar da opressão pessoas desprezadas e injustamente excluídas do convívio social e de seus próprios direitos.

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 2013, p. 37).

A sociedade que se deseja construir não é essa sociedade apresentada anteriormente e para que isso não aconteça é preciso educar a partir de valores aplicados de maneira igualitária. Se a sociedade não permite que todo aquele cidadão que dela faz parte não seja tratado respeitosamente, significa dizer que ela não é totalmente democrática, pois claro está que algumas classes sociais são plenamente privilegiadas enquanto outras não, daí o surgimento da desigualdade social entre as pessoas que consequentemente resulta em uma sociedade deseducada e sem valores éticos.

A relevância da literatura no processo educacional e na própria construção de uma nova sociedade é de suma importância. A literatura dialoga diretamente com o teatro e com as artes. De acordo com Boal, ambos os elementos surgem como um caminho a ser seguido, tendo como objetivo libertar os que se encontram em um estado de opressão. O teatro é uma manifestação artística que só vem contribuir positivamente a tudo que se diz respeito à formação do ser e a sua atuação enquanto cidadão.

O teatro abrange infinitas formas e maneiras de se abordar os mais diversos temas, principalmente os transversais que se referem à ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente, trabalho, consumo de substâncias prejudiciais à saúde e a diversidade de raças, enfim, não só o teatro mais também a própria arte com sua criatividade possibilitam essa aprendizagem diferenciada, divertida e claro, construtiva. Tais contribuições são indispensáveis no processo de formação do aprendiz enquanto estudante e futuro professor, pois a partir do momento em que este iniciar sua atuação como docente não só poderá como deve multiplicar tais valores aprendidos aos seus alunos na tentativa de desenvolver uma educação pautada nos ensinamentos dos três grandes pesquisadores aqui enfocados. Para tal, trazer a este contexto a arte musical como ferramenta pedagógica de apoio para desenvolver práticas educativas e éticas é um dos meios possíveis e significantes dentro do processo de formação crítica/reflexiva.

4 A IMPORTÂNCIA DO USO DA MÚSICA DENTRO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A música tem o poder de renovar e de transformar qualquer pessoa, ela é uma ferramenta pedagógica muito eficaz e que pode revolucionar uma sala de aula. Quando se ouve uma música a pessoa viaja no tempo, trabalha a mente ao recordar de outras pessoas e ao lembrar de determinados momentos já vivenciados, além de desenvolver com eficiência as quatro competências linguísticas: ler, escrever, ouvir e falar.

A importância de se trabalhar a música em sala de aula é que ela desperta prazer em quem a ouve, e tratando-se da criança, inúmeras são as vantagens, pois a música trabalha a sua sensibilidade e sua percepção sonora, quanto mais a criança ouvir músicas educativas e de boa qualidade, mais ela desenvolverá sua memória e atenção para a sonoridade.

O contato da criança com a música ocorre muito antes dela nascer, desde o ventre da mãe, quando ouve canções infantis e também as chamadas “cantigas de ninar” que são cantadas pela mãe como forma de acalmar ou de se comunicar com o bebê ainda dentro da barriga. Após o nascimento da criança, o contato é bem maior, quando para dormir a mãe canta uma música para tranquilizá-la e fazê-la cair no sono mais rápido e conforme ela for crescendo seu gosto pela musicalidade vai aumentando, o que é muito bom para o desenvolvimento auditivo da criança.

Segundo FARIA (2001) na sala de aula uma música quando bem trabalhada ela pode trazer várias contribuições para o aluno, como por exemplos: o desenvolvimento do seu raciocínio, o contato com vários ritmos e culturas musicais, trabalha diretamente com a fala e a audição e principalmente, desenvolve e explora a criatividade do aluno, o que é bastante significativo, além de tornar a sala de aula em um ambiente que desperta prazer, diversão e aprendizagem, tudo ao mesmo tempo. O estímulo ao uso da criatividade através da música trabalhada em sala de aula é muito importante e fundamental para uma aprendizagem profunda e verdadeira, pois através da criatividade, o aluno tem o poder de criar e recriar a partir de algo já existente ou não, de forma lúdica e eficaz, a espontaneidade e a imaginação ganham destaque dentro do processo de aquisição do conhecimento.

A música está intimamente ligada a dança, uma complementa a outra, ritmo e movimento se unem produzindo maravilhosas sensações que despertam prazer ao ouvi-

la. A relação entre dança e música é evidente, assim como o bem estar que ambas despertam nas pessoas, principalmente nas crianças, por isso, cabe destacar que:

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe (os das crianças e o próprio) e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças (ESTEVÃO, 2002, p. 33).

A música associada a dança além de trabalhar com os sentidos, também permite desenvolver no aprendiz movimentos corporais que contribuem para a saúde e o bem estar do ser humano.

Para STABILE citado por ESTEVÃO (2002, P.34) “a música e a dança permitem a expressão pelo gesto e pelo o movimento, que traz satisfação e alegria. A criança aprende e se desenvolve através dela”.

FARIA (2001) “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total.

Na sociedade a musicalidade desempenha papel importantíssimo, ao ser produzida e/ou reproduzida, ela é influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica local, contando ainda com as características climáticas e o acesso tecnológico que envolvem toda a relação com a linguagem musical. De fato, a música muitas das vezes é usada para revelar fatos e acontecimentos inaceitáveis e criticados pela sociedade e diz muita coisa a respeito do estado em que a ela se encontra e a forma como é governada.

Por isso, a música de uma época harmoniosa é calma e jovial, e o governo equilibrado. A música de uma época inquieta é excitada e colérica, e seu governo é mau. A música de uma nação em decadência é sentimental e triste, e seu governo corre perigo (SCHAFER, 2011, p. 22).

Neste sentido, podemos afirmar que a música é um indicador da época, que pode nos contar de maneira clara e subjetiva acontecimentos de ordem política e social, sejam eles os já vivenciados, como os atuais.

Música também é arte e de acordo com alguns pressupostos de Boal, a arte é uma forma de manifestação, uma maneira de se expressar o que se pensa e se sente. De tal forma, atua também a música, através dela é possível transmitir pensamentos, ideias, insatisfações, desejos, sonhos, lamentações, questões éticas, enfim, tudo aquilo que se deseja tornar perceptível ao outro.

A música está constantemente presente na vida do ser humano, dá infância a fase adulta e até mesmo durante a velhice ela é ouvida. Se encontra em toda parte, inclusive no teatro. Neste ambiente artístico se mesclam música, dança, movimentos e encenação, assim, a música através do teatro faz a arte acontecer.

Na sala de aula a arte musical também se faz presente, é fundamental trabalhar canções que trazem em sua composição letras que tratem de ideias, conceitos, sentimentos, temas bastante discutidos pela sociedade e principalmente os temas transversais, enfatizando imprescindivelmente a “ética” através da educação. Não há lugar mais propício e favorável do que a escola para se explorar a expressão musical e seus benefícios, neste sentido, vale salientar que:

A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação (FARIA, 2001, p. 24).

A escola é considerada uma das responsáveis pelo processo de socialização do ser humano. Seria fundamental que os educadores proporcionassem aos seus educandos aprendizagens diversificadas e, para tal, nada melhor que desenvolver e trabalhar a modalidade musical dentro do processo de ensino/ aprendizagem de nossos alunos. Diversas são as contribuições que a música pode trazer para a vida de qualquer pessoa e não há lugar mais propício para se aprender através da música que a escola.

Sendo o ambiente escolar um espaço institucional e responsável pela transmissão de saberes socialmente construídos, cabe-nos enfatizar a ideia de que a música pode melhorar o convívio dos alunos, inclusive aproximá-los mais. Por meio dela é possível combater o preconceito, o racismo, a opção sexual e a desigualdade social existente dentro da própria sala de aula e todos os demais fatores que influenciam o desenvolvimento sócio educacional de uma criança.

A escola é uma instituição com a missão de oferecer aos estudantes saberes socialmente construídos, visando à inserção das crianças na cultura de seu grupo e o preparo do jovem cidadão para a vida em seu contexto social. Os

saberes socialmente construídos, socializados e legitimados são a matéria-prima na relação entre o professor e o estudante (MORETTO, 2013, p. 5).

Além de reconhecer a função desempenhada pela escola, é preciso também reconhecer o poder que a música tem sobre as pessoas e fazer uso disso para unir o útil ao agradável, ou seja, transformar o espaço de aprendizagem em um ambiente rico em cultura. Através da mistura de ritmos e de produções musicais variadas é possível aproximar o aluno a uma realidade que ele não conhece, ou melhor, é possível fazê-lo criar uma nova realidade, reconhecendo suas raízes e valorizando a diversidade cultural.

A música é um meio de expressão e de interação muito válido, através dela compositores conseguem expressar seus sentimentos e desejos, outros são mais ousados quando a usam para enfatizar, criticar, denunciar e chamar atenção do público para fatores evidentemente errados e que vão contra as normas estabelecidas para o convívio social. Neste sentido, seria bastante significativa que professores criassem situações de aprendizagem utilizando-se dessa estratégia, tornando uma simples música em uma aula rica de conhecimentos e de valores fundamentais para o desenvolvimento social do ser humano.

Para a concretização de tal concepção, é preciso partir da realidade do alunado, ou seja, trabalhar com músicas que os aprendizes já conheçam e a partir daí introduzir outros gêneros musicais por eles desconhecidos, mesclando ritmos e culturas de diferentes qualidades, tais como: músicas folclóricas que são bastante conhecidas, música popular brasileira e de preferência da própria região para valorizar ainda mais nossas raízes, entre outras mais.

A proposta de se introduzir o uso da musicalidade nas práticas em salas de aula não significa dizer que o professor necessariamente terá que fazer o uso dessa modalidade constantemente, não é nossa intenção levar o leitor a crer que o professor deva trabalhar apenas com a expressão musical, por meio de nossos estudos o que queremos é enfatizar e mostrar que a música é uma ferramenta pedagógica que pode auxiliar o docente durante sua atuação. Para isso, o educador terá que pensar em como trabalhar o gênero musical desde o planejamento grupal à elaboração de seu plano de aula individual, desse modo, não fugirá totalmente de seu padrão de ensino e nem permanecerá na mesmice, aos poucos os alunos irão perceber que a música trabalhada durante a aula pode ser algo muito legal, divertido e com uma aprendizagem diferencial.

É preciso orientar nossas crianças a respeito do gosto musical delas, hoje em dia qualquer coisa vira motivo e tema para criação de “músicas”, muitas delas fazem apologia ao crime (a discriminação, o uso de armas de fogo e o tráfico), também chamam a atenção para a ostentação e a luxúria, enfim, letras musicais que ensinam o que não deveria ser aprendido. Seria imprescindível que através da música culturas diversificadas fossem introduzidas nos estudos dos aprendizes, música de verdade e de qualidade, que ofereça conteúdo e uma variedade de informações, estas que por muitas vezes passam despercebidas ou são ocultadas pelo o ouvinte.

A música afeta as emoções, pois as pessoas vivem mergulhadas em um oceano de sons. Em qualquer lugar e qualquer hora respira-se a música, sem se dar conta disso. A música é ouvida porque faz com que as pessoas sintam algo diferente, se ela proporciona sentimentos, pode-se dizer que tais sentimentos de alegria, melancolia, violência, sensualidade, calma e assim por diante, são experiências da vida que constituem um fator importantíssimo na formação do caráter do indivíduo (STEFANI, 1987).

A música é uma arte que vem sendo esquecida, mas que deve ser retomada nas escolas, pois ela propicia ao aluno um aprendizado global e emotivo com o mundo. É um instrumento facilitador do processo de ensino/aprendizagem, portanto deve ser possibilitado e incentivado o seu uso em sala de aula. Quando trabalhada adequadamente, a música pode facilitar e revolucionar o ensino de modo geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a sociedade não permite que todo aquele cidadão que dela faz parte seja tratado respeitosamente, significa dizer que ela não é totalmente democrática. Cabe ao educador não só falar de ética, mas principalmente vivê-la em sua prática diária, pôr em prática sua opção de respeito à diversidade, de valorização do diálogo construtivo e de combatente a qualquer manifestação de cunho opressor. Vale indagar, na teoria e na prática, como tal postura pode ser mais plenamente vivenciada.

Para Fulgencio, personagem Unamuniano a criança que cada um tem dentro de si é o que faz despertar a criatividade, o que permite criar e recriar ousadamente. De acordo com o filósofo, a luta pela liberdade de expressão era de extrema importância, pois é ela a responsável por tornar cada indivíduo único. Para que cada um fosse único, era preciso que não houvesse o medo e o impedimento do criar e recriar, pensar e repensar, planejar e vivenciar, descobrir e transformar, dessa forma ninguém seria igual um ao outro, todos compartilhariam de suas experiências em meio ao convívio social.

Nesta direção, concordando com o pesquisador espanhol Miguel de Unamuno, também atuou Augusto Boal, um pesquisador que defendia e lutava pelos direitos dos considerados oprimidos e excluídos socialmente. Para Boal, a prática da opressão tem tudo a ver com a falta de liberdade de expressão em que, necessariamente, para a sociedade as pessoas têm por obrigação aceitar o que a maioria apoia e considera como ideal para todos, quando na verdade sabemos que essa teoria não passa de pura ilusão. Em uma sociedade constituída por milhares de cidadãos de raças, cores, religiões, costumes e tradições culturais diversas, jamais existirá um consenso válido para todos.

Daí a imprescindibilidade de se trabalhar o conceito da ética como ferramenta fundamental para a construção de uma sociedade justa e democrática através da educação. O professor e sua atuação são fatores de suma importância para que essa sociedade possa vir a existir verdadeiramente. Concordando com Paulo Freire e fazendo de suas palavras as nossas, acreditamos e alimentamos a ideia de que o professor é um profissional que, ao invés de meramente transmitir saberes historicamente aprendidos, ele é responsável pela mediação entre o conhecimento e o educando, o que se dá por meio de sua prática pedagógica. Por isso, a importância de se trabalhar a questão da ética no âmbito educacional, uma vez que ela traz consigo uma gama de possibilidades de não apenas pensar o já existente, mas também de se repensá-lo e reformulá-lo, de modo que a interação entre educador e educando se dê de forma livre e construtiva.

Aprender a pensar eticamente é aprender a pensar com liberdade, com autonomia, com um olhar crítico-construtivo.

A pedagogia defendida por Freire deixa claro que ensinar é acima de tudo poder possibilitar aos aprendizes novos meios de produção e de elaboração do conhecimento. É repensar aquilo que foi aprendido e reformular de acordo com a compreensão individual, é dar ao ser meios pelos quais ele poderá pensar, refletir e formular seu conhecimento pessoal a partir de méritos próprios e colocar em prática tudo o que aprendeu. Assim, para ter autonomia é preciso conhecer o que se deseja questionar e daí colocá-lo em prática através de sua liberdade e respeitando os limites das relações interpessoais.

Sabendo que música é arte e que ela está presente em toda parte e desde muito cedo, concordamos e defendemos a ideia de que a música mexe com o lado emocional da pessoa e desperta os mais profundos sentimentos existentes dentro do indivíduo. O estímulo ao uso da criatividade através da música trabalhada em sala de aula é muito importante e fundamental para uma aprendizagem profunda e verdadeira, pois através da criatividade, o aluno tem o poder de criar e recriar a partir de algo já existente ou não, de forma lúdica e eficaz, a espontaneidade e a imaginação ganham destaque dentro do processo de aquisição do conhecimento. E convenhamos: sabemos que estudar sempre com as mesmas ferramentas, fazendo valer sempre o mesmo tipo de atividade, acaba sendo enfadonho. Cabe ao professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem não só descobrir novas ferramentas, mas principalmente lançar mão de antigas ferramentas utilizadas no processo de ensino, tais como: jogos ou brincadeiras infantis e as músicas e danças folclóricas, contribuindo assim para o resgate e valorização das origens de nossa região e redescobrimo o valor que estes elementos têm dentro do processo de aquisição do saber. Ao se buscar/experimentar novas possibilidades de atuação no âmbito educativo com os mais diversos gêneros musicais, o professor reacende o prazer do embalo rítmico sonoro e daí há uma infinidade de caminhos a serem percorridos, ampliando a possibilidade de se aprender verdadeiramente, conjugando os quatro pilares da educação, conforme apontados pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser.

Busca-se resgatar e pôr em prática uma educação ligada à arte pedagógica para que possamos com elas defender e lutar por uma sociedade mais justa, digna e realmente democrática e que as artes possam dar vez e voz aos oprimidos, já que o teatro, a literatura e a arte têm esse poder. Portanto, fica claro que o papel da educação é

muito mais que transmitir conhecimentos, é criar, recriar, construir e reconstruir os saberes, e principalmente instrumentalizar os alunos a lutar por uma sociedade mais digna, amorosa, criativa e que tenha como principais características a ética, a justiça e a igualdade para todos, pode e parece sim ser impossível, mas através da educação podemos tornar possível desde que haja um empenho maior por parte de todos os profissionais que compõem a área educacional e principalmente se existir o amor que é fundamental para a concretização de uma prática e aprendizagem significativa e acima de tudo amorosa entre ambas as partes, assim:

Mesmo que eu fale todas as línguas dos homens e dos anjos, se me faltar o amor, sou como um sino que tange. Mesmo que eu deslumbre todos os alunos e lhes fale maravilhas sobre todos os temas, se me faltar o amor para chegar ao coração deles, com mensagem de verdade e vida, sou como um disco a repetir palavras alheias, sem compromisso pessoal. Mesmo que eu consuma a saúde em anos de trabalho no magistério, se não tiver amor, isso de nada me adianta, pois estou longe de meus alunos e dou a eles tudo o que tenho, exceto eu mesmo (ALBERTO *in* Revista Construir Notícias, 2013, p.03).

É nesta linha de pensamento que direciono o presente trabalho, com o intuito de poder possibilitar aos educadores essa reflexão tão necessária a prática educacional e a partir disso constatar o que precisa ser questionado, modificado, melhorado e repensado em torno das necessidades e da verdadeira realidade do alunado, a fim de proporcionar ao mesmo uma aprendizagem baseada nos valores éticos exigidos no convívio social e fundamental para a construção de uma sociedade democrática e justa. Que todo aquele cidadão que cumpre com seus direitos e deveres e também aos que são excluídos e oprimidos socialmente pela sua raça, cor, religião, identidade, opção sexual e o próprio lugar desempenhado dentro da sociedade possam ser tratados igualmente. Só através de uma educação verdadeira, amorosa e artística, assim como a que defendem e apresentam Paulo Freire, Unamuno e o Boal, será possível tornar essa sociedade contemporânea em uma inovadora que possa permitir que cada pessoa tenha direito a um lugar na mesma.

Enfim, a educação traz consigo todos os meios e formas para que isso se torne real, o que falta é o amor e a flexibilidade para que ela se concretize e tente mudar o que aos nossos olhos está corrompendo o que chamam de sociedade democrática. Certamente nem tudo isso é de responsabilidade apenas do educador, mais se este fizer

sua parte doando- se com amor, dedicação e sua atuação já estará contribuindo e muito para que a mudança aconteça.

Percebemos, portanto, que os três pensadores defendem insistentemente a luta contra a alienação, em prol de um ser humano consciente, pensante, sensível e ético. Eis a bandeira educacional que os une e pela qual acredito que devemos também lutar. Fazer das artes nossas aliadas nesta empreitada é um dos caminhos a se seguir, pois a arte é uma ferramenta pedagógica potente que muito pode contribuir nesta luta do bem.

6 REFERÊNCIAS

- ALBERTO, José. 12 de outubro: **Dia do Professor**. In: Revista Construir Notícias, Recife, ano 13, n.72, p. 03, 2013.
- BARBA, Eugenio. *A Canoa de Papel: Tratado de Antropologia Teatral*. Tradução de Patrícia Alves. Brasília: Dulcina Editora, 2012.
- _____. *Queimar a casa: Origens de um diretor*. Tradução de Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. *Teatro: Solidão, Ofício, Revolta*. Tradução de Patrícia Furtado de Mendonça. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2010.
- BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009 a.
- _____. *O Arco-íris do desejo: Método Boal de Teatro e Terapia*.
- _____. *Jogos para atores e não-atores*. 13ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009 b.
- _____. *O Teatro como Arte Marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- _____. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. *Teatro Legislativo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. *Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- BOGART, Anne. *A preparação do diretor*. Tradução Anna Viana. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANIVEZ, Patrice. *Educar o cidadão?* São Paulo: Papyrus, 1991.
- Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 10 maio 2015. 13
- Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <<http://www.portal.mj.gov.br>> Acesso em: 5 março 2015.
- Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <<http://www.9cndca.sdh.gov.br>> Acesso em: 10 abril 2015.
- ESTEVÃO, Vânia Andréia Bagatoli. *A importância da música e da dança no desenvolvimento infantil*. Assis Chateaubriand – Pr, 2002. 42f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense- CTESOP/CAEDRHS.
- FARIA, Márcia Nunes. *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis Chateaubriand- Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense- CTESOP/CAEDRHS.

- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 51ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- _____. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- _____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Por uma Pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: 10 dezembro 2014.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *As lições de Paulo Freire*. São Paulo: Manole, 2012.
- LABAN, Rudolf. *Danza educativa moderna*. Madrid: Paidós Espanha, 1994.
- _____. *Domínio do movimento*. São Paulo: Editora Sumus, 1978.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LECOQ, Jacques. *O corpo poético: Uma pedagogia da criação teatral. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em: 08 fevereiro 2015.
- REVISTA Construir Notícias, Recife, ano 13, n. 73, p. 32, 2013.
- SOUZA, Sônia Maria Ribeiro de. *Um outro olhar: filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SCHAFFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora/ R. Murray Schaffer; tradução Marisa Trench Fonterrada*. – 2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011. 382p.;il.
- STEFANI, Gino. *Para entender a música*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- UNAMUNO, Miguel de. *Amor y Pedagogía*. Introducción y notas de Julia Barella. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- _____. *Obras completas*. Madrid: Afrodísio Aguado, 1952. V. 5. p.72- 78.